

# **Análise arquitetônica de uma residência moderna na cidade de João Pessoa/PB.**

## **Carolina Costa**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFRN.  
carolcosta8@hotmail.com / carolcosta@click21.com.br

## **Raoni Lima**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo– UFRN.  
raoniv@ig.com.br  
Colaboradores<sup>1</sup>:  
Profª Nelci Tinem, Universidade Federal da Paraíba.  
Prof. Aristóteles Cordeiro, Universidade Federal da Paraíba.

Este artigo tem o objetivo de analisar a arquitetura de uma residência moderna, construída no ano de 1968, com projeto de Acácio Gil Borsói, na cidade de João Pessoa/PB. Primeiramente, é realizada a contextualização do objeto no processo de desenvolvimento da cidade. Em seguida, são analisados separadamente a implantação, composição volumétrica e organização espacial, a fim de investigar a função que cada parte cumpre, isolada e em conjunto com as demais. Ao longo do trabalho, são identificadas as características que prestam referência às propostas modernistas e é verificado sobre que aspectos as críticas à arquitetura moderna se aplicam.

Palavras-chave: Arquitetura; Moderna.

This paper intends to study the architectural aspects of a modern house, built in 1968, designed for Acácio Gil Borsói in the city of João Pessoa/PB. Firstly, we present the context of the object in the development process of the city. Secondly, we analyze separately the zoning in the site, volumetric composition and distribution of spaces, in a way to investigate the function of each part, isolated and combined with others. During this paper, we identify the modern aspects and if the criticism of some aspects of the modern architecture can be applied in the case studied.

Keywords: Architecture; Modern.

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com a colaboração destes professores na realização das seguintes etapas: Profa. Nelci Tinem, para o desenvolvimento da análise arquitetônica, e Prof. Aristóteles Cordeiro, para a produção da maquete eletrônica.



## **Introdução**

O objetivo deste artigo é analisar uma residência, localizada na cidade de João Pessoa/PB. Constitui-se através dos estudos de implantação, organização espacial e volumetria – subsidiados por visitas *in loco*, relatos dos moradores, registros fotográficos, croquis da planta baixa e pela construção de um modelo virtual da casa. É investigada a função que cada parte cumpre, isolada e em conjunto com as demais, à medida do possível de ser verificado ou conforme nos foi descrito.

A residência objeto desse estudo foi construída no ano de 1968, em época e local que fazem parte do processo de expansão urbana da cidade. O projeto de arquitetura é de autoria de Acácio Gil Borsói e o projeto de arquitetura de interiores e mobiliário, de Sérgio Rodrigues. Na ocasião da primeira visita *in loco*, verificou-se que a casa, além de manter a sua função, não apresentava alterações em relação à sua configuração original e encontrava-se em bom estado de conservação. Dispor de um edifício em tais circunstâncias nos possibilitou identificar as características que prestam referência às propostas modernistas e verificar sobre que aspectos as críticas à arquitetura moderna se aplicam. A edificação, entretanto, foi demolida em abril deste ano e este trabalho tem sua maior relevância na documentação de um exemplar da arquitetura moderna.

## **Contextualização**

Na cidade de João Pessoa, o processo de urbanização marcado pelas grandes intervenções urbanísticas e propostas arquitetônicas do Movimento Moderno, só se desenvolveu a partir da década de 40, alguns anos após a abertura da Av. Epitácio Pessoa, em 1933, que possibilitou a expansão da cidade em direção ao mar. No sentido oeste-leste, a avenida realiza a ligação entre o centro e a praia. A partir da década de 50, a população de maior poder aquisitivo foi se instalando no platô que leva à praia, mas apenas a partir de 1963 é que começou a haver intervenções públicas federais, marcando um momento importante de reestruturação urbana da cidade, proporcionando beneficiamentos em infra-estrutura. Por conseguinte, os bairros que se formavam margeando a Avenida, apresentavam grande potencial para a moradia das famílias mais abastadas.

A residência em estudo se situava no Bairro de Tambauzinho, localizado diretamente entre os bairros do Miramar e Expedicionários. Esta residência, em especial, era particularmente favorecida, devido à sua localização estratégica: implantada em lote situado na própria Av. Epitácio Pessoa, nº 2580 (ver Figura 1).

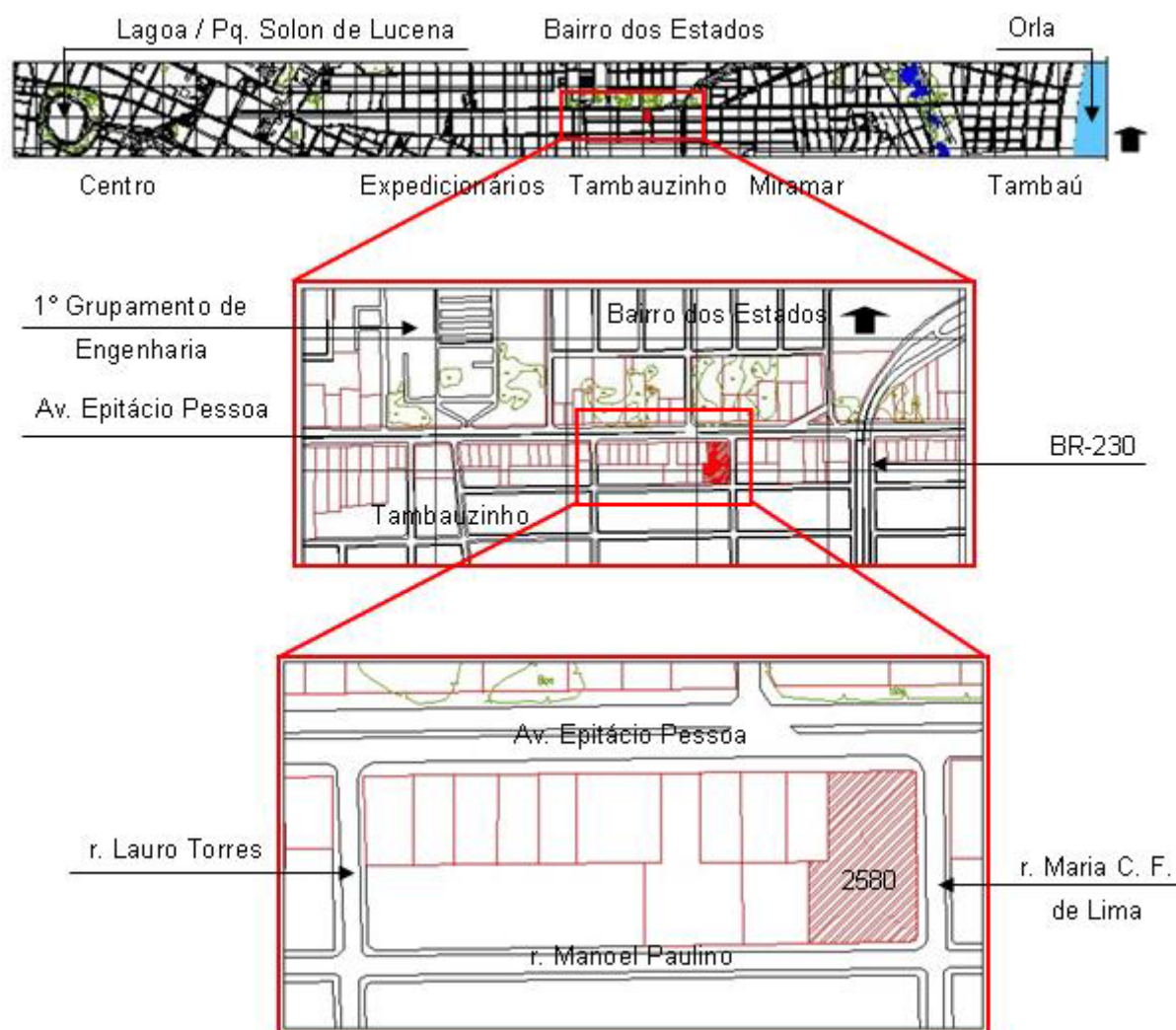


Figura 1 – Localização, quadras e ruas adjacentes.

O edifício foi construído no ano de 1968 e apresentava, em sua configuração, concordância com os conceitos da arquitetura moderna. Por não ter sido modificada a sua configuração ou a sua função com o passar do tempo, a casa tratava-se de um dos poucos exemplares de edifícios residenciais modernistas remanescentes na cidade (Figura 2).



Figura 2 – Fachada norte. 1968.

O imóvel teve projeto de arquitetura de Acácio Gil Borsói e arquitetura de interiores e mobiliário, de Sérgio Rodrigues.<sup>2</sup> Pertenceu ao Sr. Otacílio Vieira Campos e sua esposa. Partiu deles a iniciativa de escolher um arquiteto modernista para conceber o projeto da futura residência do casal – que ali residiu por cerca de 20 anos. Até 2004, essa função foi mantida, com visitas esporádicas ou com a ocupação por familiares. Na época em que essa pesquisa foi iniciada, no ano de 2003, o edifício servia de residência à filha do casal, seu respectivo marido, filha, genro e netas. Ao longo dos trinta e seis anos (de 1968 a 2004), o edifício não apresentou qualquer alteração em relação à sua configuração original, se encontrando, inclusive, em bom estado de conservação. Na ocasião das visitas realizadas, foi verificado apenas que a reposição posterior de alguns materiais, como luminárias, não foi possível, devido à falta de disponibilidade dos produtos/equipamentos no mercado. O edifício, entretanto, não mais existe. Após sua venda, já neste ano (2005), entrou em processo de demolição, por não se adequar à função vislumbrada pelo novo proprietário.

## O Programa

O programa de necessidades da casa compreende os seguintes ambientes:

1. Área social: Escritório, Sala de Estar/Visitas, Sala de Refeições Social, Hall, Lavabo com WC, Pátio Social (churrasqueira) e Piscina;
2. Bloco de apoio: Bar, 02 WCs e vestiário.
3. Área íntima: 04 suítes, sendo 01 com closet (suíte principal);
4. Área de serviço: Sala de Refeições Íntima, Cozinha, Despensa, “Cozinha Suja”, Quarto para governanta, Lavanderia, WC, garagem com 03 vagas para automóveis e dependência de empregado.

Percebe-se, pela existência de ambientes como a sala para refeições social, o pátio social e a área de lazer com piscina, além do escritório e da sala de visitas, que se trata de uma residência que valoriza o convívio social e as atividades de lazer. A privacidade dos habitantes – e possíveis hóspedes – é também priorizada, visto a existência de um banheiro para cada quarto. Os ambientes que compõem o bloco de apoio e a área de serviço visam atender às demandas da variedade de atividades sociais a serem desenvolvidas e aos próprios anseios da clientela. Em suma, o programa inicia o que este trabalho verifica: o requerimento de um espaço cuja função social (receber e entreter) é muito importante.

---

<sup>2</sup> A informação a respeito da autoria do projeto de arquitetura (bem como do projeto de interiores e mobiliário) nos foi dada pela filha dos proprietários e confirmada em matéria de revista da época (Casa e Jardim, 1968).

## O terreno

O terreno tem área aproximada de 2200m<sup>2</sup> (Figura 3) e apresenta leve desnível (aproximadamente 1,20m) no sentido do seu comprimento (Norte-Sul). Encontra-se em posição favorável à captação dos ventos dominantes, provenientes de Sudeste. O recebimento desses ventos é maximizado pelo fato do lote possuir três frentes, sendo estas, com orientação norte, leste e sul. O comprimento do terreno, entretanto, potencializa a incidência da insolação direta, tanto no período da manhã quanto no período da tarde.



Figura 3 – Foto aérea, dimensões do lote e sentido do tráfego.

## Implantação

A implantação da edificação tem seu comprimento no mesmo sentido do terreno (Norte-Sul). Foram previstos dois acessos para automóveis: o principal, pela Av. Epitácio Pessoa, e um acesso secundário pela sua paralela, r. Manoel Paulino. Ligando os dois acessos, uma área pavimentada funciona como via de tráfego dos veículos. Os portões foram alinhados de forma a permitir a entrada por um portão e saída pelo outro, sem a necessidade de realização de manobra. Percebe-se um zoneamento bem definido das funções sociais, íntimas e de serviço (Figura 4).

As áreas verdes e as áreas destinadas às atividades de lazer e de convívio social ocupam parcela considerável do lote. Uma das características mais perceptíveis na implantação é o alongamento do corpo da casa. Há, basicamente, a faixa de circulação externa, a que compreende a edificação e a destinada à área de lazer. A proposta de setorização funcional bem definida, que, ao mesmo tempo em que expõe as áreas sociais, procura resguardar a área íntima, consiste num dos aspectos modernistas mais visíveis da implantação da casa.

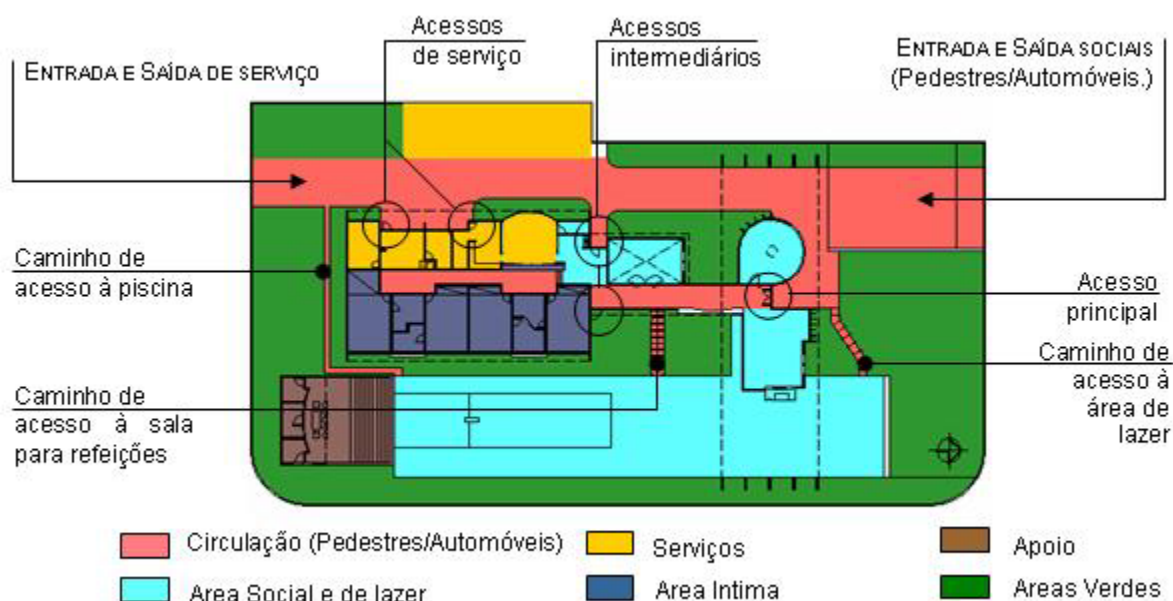


Figura 4 – Croquis de zoneamento e implantação da casa.

## Composição volumétrica

A casa apresenta, em sua composição formal, alguns elementos tipicamente modernos: Valorização das linhas puras, volumes de geometria simples, presença de *brises-soleils* e, utilização do concreto e do vidro – embora combinados com materiais mais tradicionais, como a pedra e a madeira (nos ambientes internos). Constam, também, traços adotados pelo arquiteto, como o uso do tijolo aparente e o revestimento do concreto com tinta, na cor branca. A composição é marcada pela utilização da laje plana. Contrapondo-se à horizontalidade dominante, alguns elementos verticais dão ritmo e leveza à obra (Figura 5).



Figura 5 – A) Vista frontal da casa: predominância das linhas horizontais; B) Linhas verticais: os brises e pilares contrapõem-se à horizontalidade dominante; 1968.



Devido às generosas dimensões do lote e à própria concepção modernista de implantação, a casa possui recuos razoáveis. As funções que a edificação abriga são facilmente perceptíveis e a volumetria final forma um corpo único: entorno à área de lazer (Figura 6)



Figura 6 – Os volumes delimitam a área de lazer. 1968.

A residência é composta, basicamente, por três volumes: 1) volume de altura intermediária, disposto transversalmente ao terreno, que configura o acesso principal ao edifício e abriga a área social; 2) volume mais baixo, disposto no sentido do comprimento do terreno, com acesso a um ambiente social e que une os volumes 1 e 3; 3) volume mais alto, disposto longitudinalmente, que abriga as áreas íntima e de serviço (Figura 7).

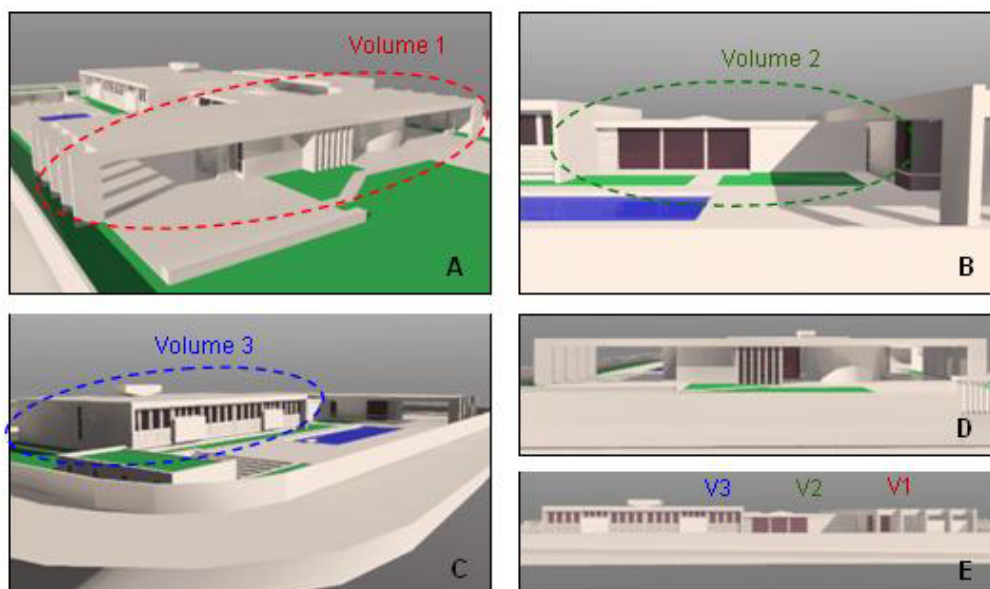


Figura 7 – A) Volume 1, transversal ao terreno: abriga a área social da casa; B) Volume 2: comunica os outros volumes; C) Volume 3: abriga a área íntima e de serviço; D) Fachada Norte: marcada pela horizontalidade da laje plana, e pelas linhas verticais, dos pilares e brises; E) Fachada Leste: a disposição dos três volumes. 2004, maquete eletrônica.



O primeiro volume é marcado pela disposição de cinco pilares de seção retangular, paralelos entre si, situados nas extremidades leste e oeste do terreno, que suportam a laje plana. Eles lembram o Dom-ino, de Le Corbusier: as colunas livres que podiam ser vistas em planta como peças de dominó. Pilares e laje formam um pórtico, que marca a entrada principal da casa e acentua a horizontalidade do projeto. Os ambientes ali abrigados diferem entre si, com volumes distintos: a caixa abriga a sala de estar; e o cilindro, o escritório.

À oeste do volume do escritório, o prolongamento da laje permite uma área sombreada para abrigar automóveis, enquanto que, à leste da sala de estar, outra área sombreada é um terraço. Além da variação entre espaços cheios e vazios, o arranjo volumétrico assimétrico e livre da estrutura principal é um dos elementos modernos da casa.



Figura 8 – A) Maquete: terraço, acesso e abrigo; B) Foto do abrigo de veículos; C) Harmonia entre as linhas retas e curvas, horizontais e verticais; D) Foto do terraço. Fotos de 1968.

No pátio, um jogo de reentrâncias forma a churrasqueira, num corpo maciço de tijolos aparentes. Um friso de conteúdo curvo é revestido com painel cerâmico. As esquadrias de piso a teto, em ambos os lados, valorizam sua percepção enquanto elemento formal (Figura 9).



Figura 9 – Churrasqueira. 2003.

Enquanto a sala de estar apresenta brises dispostos ortogonalmente, o volume cilíndrico do escritório possui brises dispostos de forma radial (Figura 10 e Figura 11).



Figura 10 – Vista a partir do abrigo. 2003.



Figura 11 – Abrigo para automóveis. 2003.

O segundo volume, mais discreto, mantém a horizontalidade do anterior, e mesma linguagem, no que se refere à laje plana e os materiais. A utilização do material aparente e de panos extensos de vidro são elementos marcantes: na fachada Leste, a transparência do pano de vidro, de piso a teto, contrasta com a parede de pedra (Figura 12). Na fachada Oeste, outra esquadria, de piso a teto, contrasta com um segundo volume, de parede oeste cega, com apenas duas seteiras – uma ao norte, outra ao sul (Figura 13).



Figura 12 – Face Leste do volume 2. 1968



Figura 13 – Face Oeste do volume 2. 2003.

O terceiro volume é composto por paredes laterais que suportam uma coberta plana e única. Em sua face leste, o piso do volume é elevado. A fachada é composta simplesmente de vidro e venezianas de alumínio, interrompida apenas em dois momentos, por painéis cerâmicos, que constituem volumes que ressaltam da fachada (Figura 14 e Figura 15).

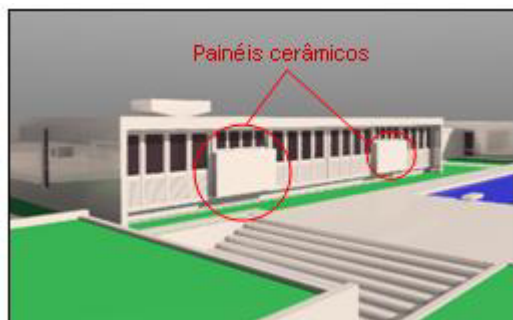


Figura 14 – Vista do volume 3. Maquete.



Figura 15 – Fachadas Leste e Sul. 1968.

Os painéis cerâmicos, de 1966, são de autoria do artista plástico Francisco Brennand (Figura 16). A arte é frequentemente explorada na arquitetura moderna brasileira. Nesse caso, além dos painéis cerâmicos, diversas obras de arte são encontradas por toda a casa.



Figura 16 – A) Painel visto em perspectiva; B) Painel em detalhe. 2003.

A fachada Sul do volume três (rever Figura 15) possui um interessante jogo assimétrico de aberturas. Duas delas (uma janela e uma abertura para o ar condicionado da suíte principal) são demarcadas por um caixilho de concreto. É interessante observar como a disposição dessas aberturas – de tamanhos e alturas diferentes – denota uma preocupação – em ser assimétrico. Ao centro, uma seteira também figura como elemento tipicamente moderno. Em sua face oeste, a fachada é toda revestida em pastilha azul. Nesta, uma *bay window*, de venezianas de alumínio e vidro, é um elemento dissonante da casa. Há, também, nessa fachada, uma reentrância, onde fica exposto o balcão da cozinha suja (Figura 17).

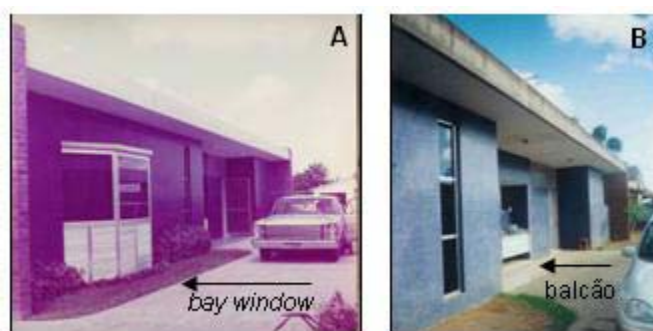


Figura 17 – Fachada Oeste do volume 3. A) Foto de 1968; B) Foto de 2003

Existem, também, duas edificações separadas do corpo principal da casa: o bloco de apoio e uma edícula de serviços. Situado na área de lazer, em patamar inferior, o bloco de apoio é abrigado por um teto jardim – característica representativa do movimento moderno. O volume resultante dessa combinação é um prisma de seção retangular. No entanto, o volume é marcado pela presença de uma parede curva que contrasta com as linhas ortogonais (Figura 18). O bloco de serviços, por sua vez, possui volumetria discreta. Alguns

recursos utilizados na casa são repetidos aqui, como a combinação laje plana e as paredes laterais, formando a “casca” da edificação, e o desenvolvimento independente da organização espacial sob ela (Figura 19).



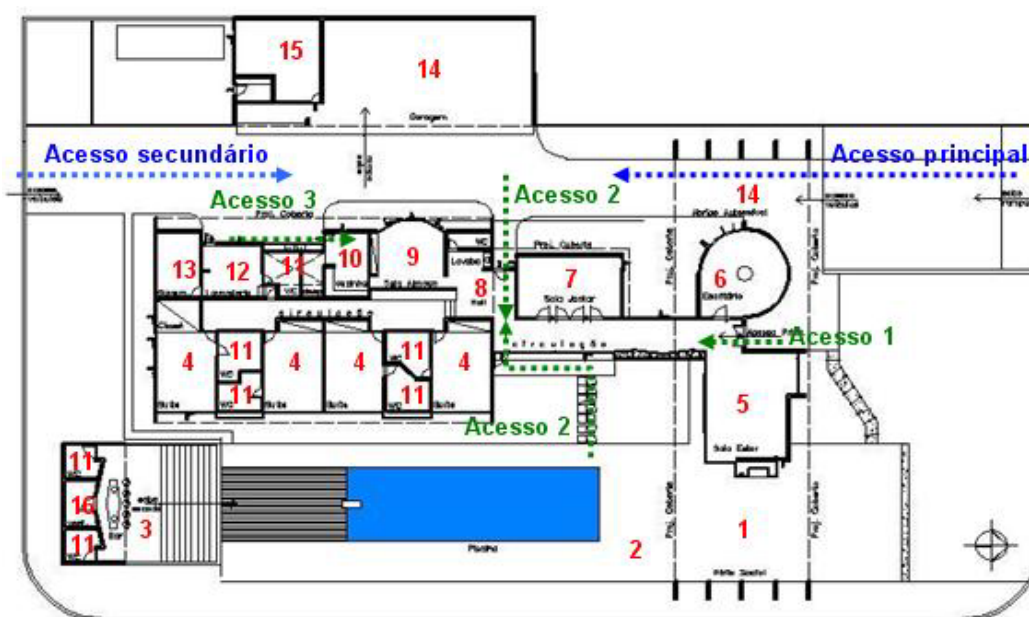
Figura 18 – Maquete: bloco de apoio. 2004.



Figura 19 – Bloco de Garagem e serviços. 2003.

## Organização Espacial

Para um melhor entendimento da organização espacial dos ambientes, segue um esquema da Planta Baixa (Figura 20). Auxiliará na compreensão de toda a análise a seguir.



- |                                  |                              |
|----------------------------------|------------------------------|
| 1 – Pátio Social                 | 9 – Sala de refeições íntima |
| 2 – Piscina e área livre (lazer) | 10 – Cozinha e Despensa      |
| 3 – Bar                          | 11 – Banheiros               |
| 4 – Quartos                      | 12 – Lavanderia              |
| 5 – Sala de Estar                | 13 – Quarto para governanta  |
| 6 – Escritório                   | 14 – Abrigo para automóvel   |
| 7 – Sala de Refeições social     | 15 – Quarto do empregado     |
| 8 – Hall e lavabo                | 16 – Vestiário               |

Figura 20 – Planta Baixa



Como pode ser verificado na Planta Baixa, a casa possui três tipos acessos: o acesso social (1), os acessos intermediários (2) e os acessos de serviço (3). Há, na setorização dos ambientes, uma preocupação típica das casas de famílias abastadas da época: a forte separação entre as áreas íntimas e áreas sociais, percebida pela significativa distância entre os quartos e a sala de estar (Figura 21). Outro aspecto a ser destacado, é o isolamento entre as áreas de serviço e áreas de atividades sociais (Figura 22).

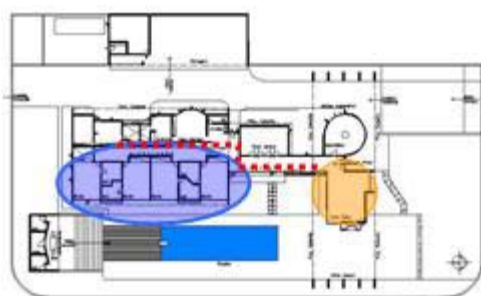


Figura 21 – Percurso entre os quartos e a sala de estar.

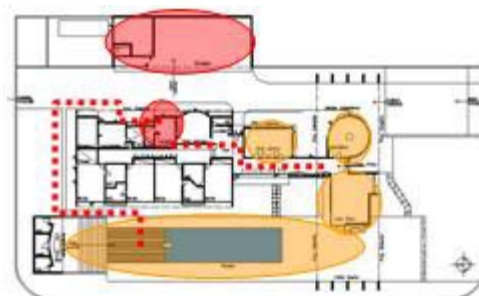


Figura 22 – Isolamento das áreas de serviço e áreas sociais.

No interior da casa, a porta de entrada é especialmente iluminada por meio de um trabalho de forro, que delimita o espaço como local a partir de onde o visitante escolherá adentrar a casa, percorrendo o corredor, ou se dirigir ao escritório ou à sala de estar (Figura 23). A área social ainda possui outro ambiente, uma sala de refeições, descrita mais adiante.



Figura 23 – Escritório, entrada e sala. 1968.



Figura 24 – Escritório; a partir da sala. 2003.

O escritório é um ambiente reservado, que único que apresenta planta curva. Na entrada do escritório, há uma esquadria em madeira, composta por três folhas – uma fixa e duas pivotantes, de autoria de Sérgio Rodrigues (Figura 24). A Cadeira “Mole”, premiada, também é de sua autoria – e é encontrada também na sala de estar. No escritório, constam dois elementos para iluminação: o primeiro, a oeste, consiste numa série de esquadrias fixas,

vedadas com vidro amarelo; e o segundo, ao centro, consiste num domus, para iluminação zenital por sobre o local destinado à área de trabalho (Figura 25).

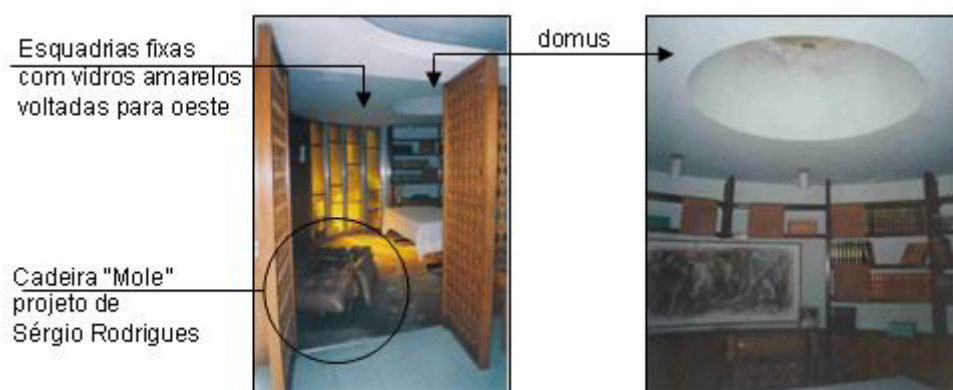


Figura 25 – Interior do escritório. 2003.

De fato, sala e escritório estão diretamente relacionados à visita de terceiros, cuja utilização independe do acesso aos outros ambientes da casa. O extenso comprimento da circulação, que interliga sala e escritório ao *hall*, aparenta ser intencional, pois, funciona como transição e delimitação, entre o núcleo social e o resto do edifício.

A sala de estar também possui um conjunto de esquadrias, semelhante ao do escritório – porém, na cor azul, orientadas para norte. Ao sul e leste, há uma esquadria de canto móvel, permitindo que o ambiente se integre ao terraço/pátio social e a piscina (Figura 26).

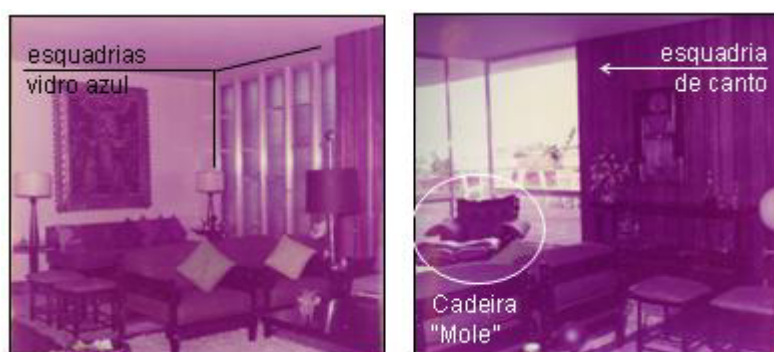


Figura 26 – Sala de Estar. 1968.

A esquadria de canto remete à premissa modernista de ter a estrutura independente do corpo edifício, para que os espaços que o compõem se disponham livremente. Aqui, ela funciona como maior captador de luz; voltada para leste e sul, é de piso a teto, vedada com vidro transparente. Outras duas esquadrias com vidro transparente contribuem para a iluminação do ambiente: uma voltada para sul, outra, para leste; tratam de seteiras. Embora



o painel colorido se destaca visualmente, o conjunto de seis esquadrias em vidro azul torna o canto noroeste da sala o mais escuro.

Caso o visitante decida por adentrar a casa, terá que percorrer o corredor, em direção ao *hall*. Ao adentrar o corredor, entretanto, não há sensação de confinamento, visto que, a circulação contígua à entrada principal é tratada de forma a proporcionar uma integração entre espaço interno e externo, através do uso de panos de vidro. Ao longo de todo o percurso, não há nenhum momento em que se vejam paredes cegas em ambas as laterais, num jogo de cheios e vazios, como se pode ver na Figura 27.



Figura 27 – Corredor. O passeio arquitetônico: o jogo de cheios e vazios, a integração do exterior com o interior e a conciliação com outras formas de expressão artística. 1968.

Logo após o escritório, a oeste, se inicia a visão de um jardim externo separado do interior apenas por um pano de vidro, fixo, de piso a teto – e a leste, um nicho numa parede de pedra abriga uma escultura. A vista que se tem do conjunto parece remeter ao Pavilhão de Barcelona, de Mies van der Rohe. Findo o pano de vidro do jardim externo, há a sala de refeições e, do outro lado, a vista e o acesso à área de lazer e à piscina. O corredor delinea uma espécie de passeio de “descobrimento” da casa – o “passeio arquitetônico” modernista.

Ao final do corredor, há a sala de refeições social. Na face oposta à sala de refeições, o que delimita o corredor é um pano de esquadrias móveis, de piso a teto – além de constar uma porta, que denominamos anteriormente como um dos acessos intermediários. Abrindo o pano de esquadrias, o corredor torna-se uma espécie de terraço para a sala de refeições, cujo limite de entrada é determinado por um conjunto de esquadrias de madeira, com mesmo trabalho de entalhe verificado nas do escritório. A laje plana, presente em toda a edificação, não ocorre nesta sala – em seu interior, ao centro, ela assume forma piramidal, de cujo cume pende uma luminária, por sobre o local da mesa de refeições (Figura 28).



Figura 28 – Sala de Refeições. 2003.

A iluminação ocorre através de suas portas de entradas. Existem duas seteiras pivotantes, compostas por vidros azuis, nas extremidades do ambiente. Verifica-se, pelo baixo nível de iluminação natural e pelo uso de materiais escuros (tijolo aparente e madeira, nas paredes), que a sala precisa do auxílio de luz artificial para ser utilizada.

Ao final do corredor de circulação, à direita da sala de refeições, forma-se um *hall* – com um lavabo e duas entradas: uma, para a área íntima, e outra, para a de serviços. Balcão e pia situam-se num espaço próprio, entre o *hall* e a cabine (Figura 29). Há, também, um acesso ao exterior da edificação (o acesso 2); localizado próximo à garagem, apresenta-se como entrada distinta das outras que lhe são próximas, associadas às atividades de serviço.

Entrando na área de serviços, há a sala de refeições íntima. Neste ambiente, há um trabalho de forro, côncavo circular, a partir do qual pende uma luminária por sobre a mesa. Há uma *bay window*, que ressalta da parede externa e consiste em três folhas de esquadrias. Voltado para oeste e não possuindo proteção solar, forçou os moradores a instalar venezianas no interior das janelas (Figura 30). A parede que separa sala e cozinha possui um armário embutido e uma porta de madeira, pivotante, também trabalhada (Figura 31).



Figura 29 – Lavabo do Hall. 2003.



Figura 30 – Sala de refeições íntima. 2003.



Figura 31 – Porta de acesso à cozinha. 2003.



Figura 32 – Cozinha. 2003.

A cozinha apresenta azulejos, nos locais em que a parede fica exposta. Recebe iluminação natural por meio de uma seteira, na parede oeste, com vidros incolores e fixos. E há um trabalho de forro, de forma trapezoidal – talvez para ampliar o ambiente de trabalho, de dimensões estreitas (Figura 32). Um dos acessos de serviço localiza-se na cozinha, que também possui comunicação com a despensa. Dessa maneira, a descarga de compras é facilitada pelo posicionamento dos ambientes (rever Planta Baixa).

Os outros ambientes de serviço são: um balcão externo, dependência para “governanta”, lavanderia e banheiro. O balcão (ou “cozinha suja”) situa-se em frente ao acesso de serviço (Figura 33). Na lavanderia, há um acesso para o interior do corredor que interliga as suítes; e outro, para o exterior, através de uma esquadria em grade, na parede oeste. Um aspecto que reflete a preocupação com a realização das tarefas é a comunicação direta entre lavanderia e corredor dos quartos (Figura 34), que reduz consideravelmente o percurso das peças, otimizando a coleta da roupa suja e a distribuição da roupa limpa, e não sobrepondo fluxos. Separado da casa, há um coradouro – para o caso de roupas que requerem tratamento mais pesado e secagem ao ar livre (Figura 35).



Figura 33 – Balcão, lavanderia e dep. de governanta. 2003.



Figura 34 – Corredor dos quartos; acesso à lavanderia. 1968.



Figura 35 – Quarto do empregado e coradouro. 2003.

Retornando ao *hall*, no interior da residência, a leste, há o acesso ao corredor que leva aos quartos (Figura 36). Neste, a falta de iluminação direta e a escolha de materiais como tijolos, nas paredes, e madeira, nas paredes e piso, torna o nível de iluminação muito baixo. A área íntima é composta por quatro suítes, sendo uma, a suíte principal, com *closet*, localizada ao fundo do corredor. Os quartos são ambientes bem iluminados; voltados para leste, recebem o sol da manhã. Na suíte de casal (Figura 37), há uma seteira pivotante, com vidros na cor magenta (Figura 38), voltada para Sul, cuja luz causa um interessante efeito ao ser vista do corredor, quando a porta do quarto é aberta.



Figura 36 – Corredor dos quartos.  
2003, autores.



Figura 37 – Suíte principal.  
2003, autores.



Figura 38 – Seteira.  
2003, autores.

A posição dos quartos é privilegiada; além da orientação favorável, sua disposição proporciona vista da área de lazer e da piscina. A vedação externa dos quartos é composta apenas por esquadrias, com janelas de abertura *maximar*, na parte superior, e venezianas de alumínio na parte inferior (Figura 39 e Figura 40). A incidência dos ventos é forte, entretanto, o aproveitamento se torna ineficiente por causa da ausência de aberturas para a exaustão.



Figura 39 – Vista a partir de um dos quartos. 2003.



Figura 40 – Vista externa das suítes: observar o pano de esquadrias e o jogo de volumes – painéis, paredes laterais, laje e piso elevado. 2003.



A área íntima apresenta-se em nível elevado, em relação ao restante da casa (Figura 40). Os banheiros são agrupados em duplas, entre dois quartos, sendo que o arranjo interno das paredes determina a que quarto servirá cada um. Essa organização se reflete no exterior; entretanto, enquanto contribui formalmente, em termos de conforto, apresenta falhas. Os banheiros a leste possuem janelas altas e bandeiras vazadas nas portas – mas, os dois banheiros adjacentes ao corredor, cujas bandeiras nas portas são a única abertura que possuem, têm a circulação do ar e o recebimento de calor, comprometidos.



Como suporte à área de lazer e à piscina, há um bloco de apoio, numa construção rebaixada 1,35m do piso (Figura 41 e Figura 42). Os ambientes são delimitados por uma parede curva; nas extremidades leste e oeste, situam-se os banheiros, separados entre si pelo vestiário. Iluminação e ventilação são realizadas por meio de quatro esquadrias de vidro. O balcão de concreto é o bar; e os pilares cilíndricos que o sustentam, são armários.



Figura 41 – Vista a partir do pátio social e vista posterior. 1968.



Figura 42 – Vista a partir do bar e bloco de apoio. 2003.

Um dos ambientes mais freqüentados da casa, o pátio externo pode ser utilizado de modo independente ou em conjunto com a sala de estar (Figura 43). Neste ambiente, a churrasqueira em tijolos aparentes é a peça principal (Figura 44). A parede posterior da churrasqueira volta-se para a sala de estar e suporta um armário com prateleiras que, aberto, atende a função de bar. Compactando churrasqueira e bar num único conjunto, a sala passaria a ter um bar, para encontros privativos, ou poderia oferecer suporte a eventos mais amplos, contendo um bar de apoio à churrasqueira. Não obstante, a churrasqueira foi utilizada apenas uma única vez – ao ser acesa, esquentou de tal modo, que inviabilizou a utilização da sala de estar e dos demais ambientes que lhe são próximos, além de rebentar todas as peças de vidro contidas no bar. Transformou-se em peça de contemplação.



Figura 43 – Pátio social. 2003.

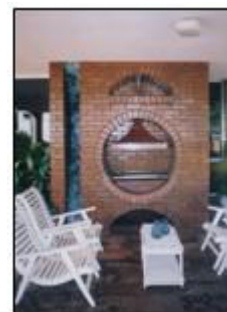


Figura 44 – Churrasqueira. 2003.



## Conclusões

Verificamos, após a análise, que o edifício estudado é um exemplar representativo de um momento de transição em âmbito local – caracterizado pela modernização da cidade – e, em âmbito global, através do rebatimento de algumas premissas modernistas em seu projeto. Ele é caracterizado pela setorização funcional, valorização da área social e pela presença clara de espaços destinados aos automóveis, inclusive como símbolo de *status*. Entretanto, a maior virtude da casa é de natureza formal. Os volumes se articulam e se integram, compondo volumes que engastam, penetram ou apenas se encostam. O edifício apresenta interessante jogo de contrapontos – cheios e vazios, reentrâncias e saliências, marcações horizontais e verticais – que tornam, sem dúvida, a composição bastante rica.

A rígida setorização provocou, durante a ocupação dos moradores, a subutilização dos ambientes sociais, utilizados apenas em situações muito específicas. Além disso, a Av. Epitácio Pessoa tornou-se uma das avenidas de maior fluxo de pessoas na cidade e tornou-se essencialmente comercial. Como característico deste tipo de uso, a ociosidade dos edifícios no período da noite reduziu a segurança dos moradores – situação agravada pelos trechos transparentes, distribuídos por toda a edificação, em panos de vidro ou nas esquadrias de grandes dimensões –, mas, principalmente, nas áreas sociais. Dessa forma, estes ambientes se encontravam numa condição de grande exposição ao exterior, ainda mais vulneráveis devido ao distanciamento em relação ao restante da casa.

Após vários anos de utilização do edifício, pôde ser verificado que, aqui, a laje plana e os amplos panos de vidro têm maior significado simbólico que funcional e remetem a uma imagem importada de modernidade. Devido às condições climáticas locais, estes elementos, em lugar de contribuir, passaram a comprometer a utilização dos espaços – restringindo a permanência dos usuários a determinados horários ou tornando necessário o uso de artifícios complementares, para torná-lo confortável ou garantir maior privacidade a quem o utiliza. Não se sabe até que ponto o conhecimento do comportamento dos ventos e da insolação, que na época era mais intuitivo e dispunha de menos recursos, influiu na escolha do partido arquitetônico. De fato, algumas questões sobre decisões de projeto não puderam – nem poderiam – serem respondidas. Percebemos que a obra trouxe consigo, na época de sua construção, o espírito do novo, impactante e moderno. Entretanto, é um contrasenso admitir o novo, mas não utilizá-lo para criar condições melhores de utilização dos espaços – de adaptação ao clima e à cultura, principalmente. Não se trata de questões relativas à funcionalidade dos ambientes – mas da forma como estavam organizados, do modo como se relacionavam e como se apresentavam a quem os utilizava.

O projeto se impunha ao usuário, este devendo se adaptar à arquitetura, e não o contrário. Embora a edificação se proponha a oferecer uma nova forma de morar – o modo de morar do homem moderno –, ela é inflexível e rígida. A edificação era carregada de conceitos e características particulares, que não davam margens a alterações. O estilo de vida que a arquitetura aqui propôs não permaneceu e tornou-se impróprio à vida cotidiana atual. E, talvez, como um paradoxo, a função não tenha conseguido o que a forma obteve. Embora, enquanto o edifício existiu, a função tenha subsistido e determinado com particularidade o modo de vida das pessoas que ali habitavam (justamente por isto), ela não se manteve.

Também nos foi comunicado, pelos moradores, problemas de manutenção – gerados pela forma inadequada do emprego de alguns materiais ou devido ao alto custo de prosseguir o funcionamento da casa. O edifício era preservado por questões emocionais. Após trinta e seis anos de uso, a venda do imóvel foi efetivada e no mês de abril deste ano, sua demolição total teve início. Felizmente, foi possível a obtenção de um registro detalhado para realização da sua documentação crítica e digital.



Figura 45 – Demolição (piscina e volume 3). 2005.

---

## Referências Bibliográficas

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GONÇALVES, Regina Célia; LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira; LAVIERI, João; RABAY, Glória. **A Questão Urbana na Paraíba. História Temática da Paraíba**, Vol. 3. Ed. UFPB. João Pessoa, 1999.

MELO, Alexandra C. S. **Yes, nós temos arquitetura moderna**. Natal, 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.